



DEUSA VIVA

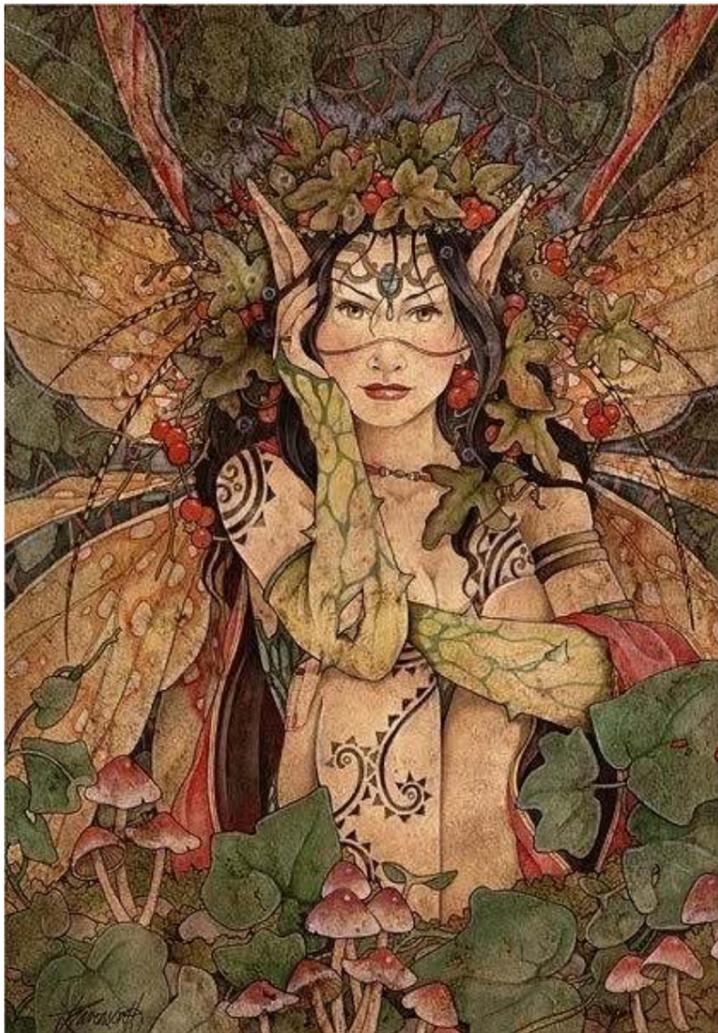
Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Junho de 2013, nº 166



Mirella Faur

AINE, DEUSA SOLAR IRLANDESA, RAINHA DO POVO DAS FADAS

“O povo das fadas” (chamado em gaélico de *Sidhe*), conhecido das lendas e mitos celtas é remanescente dos primitivos povos pré-celtas, que habitavam as Ilhas Britânicas desde a Idade de Bronze. Eles eram descendentes dos *Tuatha de Danann*, o “Povo da deusa Danu”, misteriosos seres míticos de natureza sutil, que conquistaram a Irlanda após vencerem os primeiros



colonizadores- *Fir Bolg*, e que depois foram vencidos pelos *Milesianos*. Com a mudança das crenças religiosas e espirituais, os *Tuatha de Danann* não mais recebiam a sustentação da sua egrégora pelo reconhecimento e a gratidão dos seres humanos perante os seus dons e se afastaram cada vez mais da dimensão material, tecendo um véu de invisibilidade ao redor do seu mundo. Para se protegerem da violência das guerras - sendo eles seres pacíficos - se retiraram para outra dimensão, sutil, a ilha mágica *Tyr na n'Og*, “A terra debaixo das águas”, situada no Oeste da Irlanda e invisível aos homens. Uma parte deles se refugiou nas montanhas, colinas, florestas e grutas e as repartiu entre si, sendo conhecidos como “O velho povo, Os bons vizinhos, O povo das colinas”, *Fairy people* ou *Fay* e suas moradas (*barrows*) nas colinas ou elevações de terra chamadas de *side* ou *sidhe* (pronuncia-se “chee”), nome que aos poucos passou a ser confundido com os próprios seres.

A comprovação deste fato encontra-se na crença comum entre as diversas nações celtas sobre a existência de uma raça de seres sutis, obrigada pelas tribos invasoras a se retirar para o “Outro mundo”, descrito como uma dimensão subterrânea, dentro das colinas ou câmaras subterrâneas neolíticas (*burial chamber*), ou que tinham ido “além-mar”. Pelo fato que os *Sidhe* moravam nas câmaras subterrâneas – que eram usadas para o enterro dos reis - ao longo dos tempos eles passaram a serem confundidos com os espíritos ancestrais e denominados de *Bean-sidhe* ou *Banshee*, que anunciavam a morte de parentes e apareciam nas suas vigílias pranteando.

Os *Sidhe* eram formados por vários grupos ou ordens, distintas umas das outras, mas que funcionavam como uma coletividade. As terras ocupadas pelos seres feéricos foram chamadas de *Fairyland*, “a terra das fadas” e seus caminhos e trilhas, imbuídos de energia mágica e telúrica, ficaram conhecidos como *ley lines*, as linhas de energia da terra, sobre as quais não deveriam ser construídas edificações humanas sob o perigo de eclodirem acontecimentos estranhos ou perniciosos à saúde. Os locais sagrados dos *Sidhe* eram marcados por círculos de pedras, de grama mais verde ou de cogumelos e deviam ser respeitados e evitados pelos seres humanos. No nível mágico, os *Sidhe* conheciam e manipulavam os poderes dos elementos e por isso, com o passar do tempo e o esquecimento da sua verdadeira origem e poder, eles foram reduzidos às figuras elementais com nomes diferentes em função do elemento em que habitavam ou regiam. Nos contos de fadas lhes foi atribuído o papel de “fadas madrinhas”, conselheiras e protetoras individuais.

Sidhe para os irlandeses representa o estado intermediário entre um mundo real e o sobrenatural, povoado por seres sutis, etéreos, dificilmente visíveis pelos seres humanos, devido às vibrações densas do mundo material. Com o advento do cristianismo e sua perseguição e proibição, eles

Presentes em todas as formas e manifestações da natureza, as fadas fizeram parte das lendas e do folclore de vários países, mas nenhum povo como o irlandês conseguiu captar, conhecer e compreender tão bem os *Fays*, provavelmente por serem seus descendentes. O mundo feérico das fadas ainda vive nas crenças e rituais dos camponeses da Irlanda, País de Gales, Escócia, Inglaterra e Bretanha e conta-se que vários mortais tiveram contato com o povo das fadas, aprendendo delas a arte da poesia, música, dança, metalurgia, tecelagem, magia e cura. A Irlanda até hoje é habitada por duas raças: a visível, dos celtas, e a invisível dos *Sidhe*, mas que podia ser vista e “visitada” pelos clarividentes e magos. As divindades mais conhecidas, consideradas o “Rei” e a “Rainha das Fadas” são a deusa Aine (pronuncia-se *Onyá* ou *Oine*), a regente da fertilidade e o deus Gwynn Ap Nudd (pronuncia-se *guin ap niid*), o “Senhor do Outro Mundo”.

Aine é uma deusa arcaica da Irlanda, originariamente uma deusa solar, soberana da luz, da fertilidade da terra e do amor, cujo nome significava “prazer, alegria, esplendor”, celebrada no Solstício de Verão e que sobreviveu às perseguições cristãs ao ser transformada nas lendas em uma “Fada Rainha”. Apesar de deusa tutelar da província de Munster do Sudeste da Irlanda, muito pouco foi



preservado das suas lendas; mesmo assim o seu culto perdurou até o século 20 mas ela jamais foi santificada ou mencionada pela igreja cristã. Os costumes a ela associados continuaram até 1970, preservando sua autêntica essência pagã, os camponeses caminhando com tochas acesas pelos campos plantados invocando o calor e a luz de Aine para a abundância das colheitas. As mulheres idosas queimavam ervas aromáticas para purificar as casas e afastar as doenças.

Aine é irmã gêmea de *Grian*, a “Rainha dos Elfos” e também foi considerada como um dos aspectos da Deusa Mãe celta Ana, Anu, Danu ou Don. *Grian* e Aine alternavam-se na regência do ciclo

esmaeceram na memória do povo, sendo denominados fadas, duendes e representações malignas do folclore, que viviam em outras dimensões entre o mundo material e espiritual. Contudo, seu fundamento psicológico nunca se perdeu e os mistérios ocultos nos contos de fadas e nas crenças populares conservam as reminiscências do antigo culto.

Aos poucos, as fadas ficaram restritas ao folclore anglo-saxão e celta, conhecidas como protetoras e guardiãs das árvores, flores ou jardins, confundindo-se depois com outras entidades sobrenaturais e, às vezes, sendo consideradas magas e feiticeiras. Foram descritos muitos tipos, desde as belas fadas das flores, árvores, lagos e rios, os simpáticos gnomos protetores das moradias, até as entidades perigosas com dentes pontiagudos e garras afiadas.

solar na Roda do Ano, trocando de lugar a cada solstício. Aine foi mencionada pela primeira vez em 890-910 no dicionário *Sanas Cormaic* com explicações em latim da etimologia dos termos irlandeses. Mais tarde, apareceram menções no século XII no livro *Táin Bó Cúailnge* e no século XV em *Cath Finntrágha* sobre a relação da Deusa com os cairns e resquícios neolíticos encontrados em duas colinas, perto de Lough Gur, consagradas à Deusa, onde ainda hoje ocorrem ritos em honra à deusa Aine. Uma colina, a três milhas a sudoeste do lago é chamada *Knockaine* (em homenagem à deusa) e lá se encontra uma pedra que confere inspiração poética a seus devotos merecedores e leva à loucura àqueles que forem punidos pela falta de respeito com os lugares sagrados. *Do topo da colina* podem ser avistados inúmeros locais associados com seres míticos,

detalhes topográficos do mito de Aine (como os castelos dos reis) e das batalhas reais entre conquistadores e nativos.

Existem muitas controvérsias a respeito da sua origem, alguns pesquisadores a consideram filha de Eogabail, um rei dos seres míticos Tuatha de Dannan, que teria sido o filho adotivo do deus do mar Manannan Mac Lir, outras vezes como sendo esposa e algumas vezes filha dele. Como Rainha dos reinos encantados Aine pertencia aos Tuatha de Dannann e aos Sidhe e era conhecida como *Lenan Sidhe*, a amada ou *Ain Cliar*, a luminosa. Inúmeros lugares eram dedicados a Aine na Irlanda como Knoc Áine (Condado de Limerick), Tobar Áine (Condado de Tyrone), Dun Áine (Condado de Louth), Lios Áine (Condado de Derry). Com o nome de *Aine Marine* e *Aine of Knockaine*, ela é associada com Knoc Aine/Knockaine, a sua colina em Munster. Na literatura ela foi descrita como uma "Rainha das Fadas", a mais famosa sendo Titânia, da peça "O sonho de uma noite de verão" de Shakespeare.

Assim como outras deusas celtas, Aine tem diversos aspectos associados a diferentes coisas e atributos, sendo regente do Sol, junto com suas irmãs Fenne e Grainne e também das fases lunares. Como deusa triplice, sua face de Donzela era tanto generosa, quanto vingativa, recompensando os devotos com o presente da inspiração poética ou os punindo com a loucura, se tivesse sido ofendida ou menosprezada. Ela era invocada geralmente para ajudar, mas se fosse desrespeitada, a sua vingança não tardava. Como Mãe, era associada aos lagos e

poços sagrados, cujos mananciais possuem poderes curativos, a fonte dedicada a ela *Tobar-na-Aine* era renomada pelos poderes curativos. A sua intensa sexualidade a tornou inimiga da igreja cristã, sendo vista como uma ameaça ao matrimônio e à castidade. Mesmo que o simbolismo relacionado com a Deusa Mãe tenha sido esquecido quase por completo desde que começaram os ritos cristãos nas igrejas, o ato de invocação da vida nunca enfraqueceu e ela era reverenciada como protetora da gravidez e das mulheres, punindo aqueles que as tivessem ofendido, agredido, perseguido ou violentado. Como Deusa Escura e regente do teixo, Aine era considerada a "Anciã de Knockaine", caridosa com aqueles que lhe pediam ajuda, mas vingativa com quem a explorava pela má fé. Por ser uma deusa detentora do poder da vida e da morte, Aine podia aparecer para os homens como uma mulher sábia de rara beleza, qualificada como *sidhe leannan*, ou seja, "uma amante-fada-fatal" que exercia tal atração sobre os homens, que eles sucumbiam aos seus encantos e muitas vezes não sobreviviam. As mais dramáticas e poéticas histórias do folclore celta são as que relatam o amor entre mortais e os seres sobrenaturais, mas que não perduram devido a certos tabus, maldições, diferenças de vibrações e costumes. Acredita-se que a "amante-fada-fatal" ainda se manifesta nos dias de hoje e quando escolhe um homem mortal, este está fadado à morte certa, pois esta é a única maneira viável para que os dois possam ficar juntos e concretizar seu grande amor.

Existem muitas lendas sobre as escapadas amorosas de Aine, às vezes ela casava com jovens vigorosos e tinha filhos "encantados", que dela recebiam o poder de ver o "Povo das Fadas" com a ajuda de um anel mágico. Quando ela se apaixonou pelo jovem e belo herói Fionn, ela jurou que jamais iria amar um homem com cabelos grisalhos. Mas uma das suas irmãs também amava Fionn e através de um encantamento conseguiu que seus cabelos ficassem grisalhos, mesmo ele continuando jovem. Fiel à sua *geasa* (promessa mágica) Aine afastou o herói. Segundo outra, entre tantas lendas, conta que Aine estava sentada nas margens do lago Lough Gur, penteando seus longos cabelos dourados, quando Gerold, o Conde de Desmond, a viu e sentindo-se fortemente atraído por ela, roubou-lhe o manto dourado e só o devolveu, quando ela concordou em casar-se com ele. Desta união nasceu Geroid larla ou Earl Gerald, denominado "O Mago"; após o nascimento do menino, Aine impôs ao Conde Desmond, um tabu que o impedia expressar surpresa a qualquer coisa que o filho fizesse. Entretanto, ele quebrou tal tabu, exclamando alto quando viu o filho entrando e saindo de um frasco, fato que desfez o encanto e Aine recuperou sua liberdade. Aine dirigiu-se para a colina de Knockaine, transformando-se em um cisne; dizem que é lá que ela ainda reside em seu

castelo encantado, cercada por Fadas. Em outra versão, ela se recolheu na ilha Garrod no lago Lough Gur no condado de Limerick e Gerald depois transformou-se em um ganso selvagem que voou alto seguindo o rio Lough, encontrando repouso no castelo da mãe. Lough Gur era um antigo sítio sagrado pré-histórico, com reminiscências de câmaras subterrâneas, grutas e círculos de pedras do período neolítico ao seu redor, onde foram encontrados restos de oferendas votivas e grãos.

Outra lenda descreve como Gerald vivia abaixo das águas do lago, de onde saía cada sete anos cavalgando ao redor do lago até gastar as ferraduras de prata do seu cavalo, dia em que ele voltará para expulsar estrangeiros e malfeitores da Irlanda. Dizia-se também que de sete em sete anos ele emergia das águas como um fantasma montado em um cavalo branco; o lago sumia dentro da terra aparecendo no seu lugar uma árvore sobrenatural, coberta com tecidos verdes e guardada por uma anciã, que tinha o poder de elevar as águas do lago se a árvore corresse perigo.

Em outra lenda, o rei Ailill matou Egbal, o pai de Aine e a violentou, mas ela relutou e arrancou sua orelha, o que lhe ocasionou o apelido de Ailill-sem-orelha. Aine jurou se vingar e após um tempo, Ailill foi morto por ela com uma poderosa magia, da mesma forma como se vingou de outro rei, que também a ofendeu. Seu filho Egan - que nasceu após ela ser violentada por Ailill - se tornou rei de Munster e fundador de uma famosa dinastia. Muitas famílias de Munster com o sobrenome de O'Corra ainda acreditam que são descendentes de Aine, por eles venerada como a melhor e mais bondosa deusa. Existem muitas situações que se repetem ao longo da história celta, em que uma deusa ou rainha é violentada e conquistada por um rei, simbolizando o domínio dos invasores sobre a população nativa e a decorrente vingança da terra quando maltratada ou destruída. Em todas estas lendas percebe-se como a determinação, engenhosidade e paciência de Aine ou de outras deusas ou rainhas, as ajudaram se libertar das imposições patriarcais.

Aine tinha o poder de metamorfose, se transformando tanto em um cisne branco, quanto em uma égua vermelha de nome *Lair Derg*, e que ninguém conseguia alcançá-la. Acreditava-se que na noite do Solstício de Verão, moças virgens, que pernoitassem na colina de Knockaine, poderiam ver a Rainha das Fadas passando com toda a sua comitiva. O mundo das fadas só se tornava visível pelos portais mágicos, chamados "anéis de fada", círculos marcados na grama ou no meio de árvores, que eram indicados pela própria Aine. Uma gruta de Knockaddon supunha-se ser ligada a *Tir na n'og* (o "Outro Mundo" celta) e de lá Aine chegava no Lammas para dar à luz a um feixe de grãos, o seu filho *Eithne* (o termo gaélico para grãos). Três dias no ano eram dedicados à ela: a primeira sexta-feira, sábado e domingo após o Sabbat de Lammas. Era nestes dias que ela retornava como uma mulher sábia, que ensinava aos homens como caminhar em união e amor sobre a terra, domínio da sua mãe, a deusa Danu. No Sabbat Samhain dizia-se que Aine saía das suas colinas cavalgando um touro vermelho e era reverenciada com fogueiras acesas em todas as colinas sagradas. Sendo associada com os Sabbats, Aine podia se manifestar como a Donzela da



primavera, a Mãe das colheitas e a Anciã do mundo subterrâneo. Como Donzela aparecia também como uma sereia, que penteava seus longos cabelos com um pente de ouro na margem do lago, continuando a fazer isso até o pente ia ser gasto e seu cabelos ficando brancos. Nos dias dedicados a Aine era proibido derramar sangue, para que a centelha vital não se esvasse do corpo de outros animais ou doentes. Às vezes ela era vista numa barco junto com seu pai Manannan ajudando os marinheiros perdidos. Durante a grande fome ocasionada pela crise irlandesa das batatas, Aine aparecia no topo da sua colina entregando comida para os famintos.

Aine era invocada no Solstício de verão na colina de Knockaine para ritos de amor, fertilidade e abundância das colheitas, prosperidade das pessoas, separações e desfechos dolorosos nas relações amorosas. Ela ampliava a visão e podia facilitar o contato com o mundo das Fadas, potencializando os poderes mágicos e extrassensoriais. Os camponeses saíam em procissão após acenderem as fogueiras na sua colina e caminhavam pelos campos com tochas acesas, feitas com feixes de palhas e ervas solares amarrados em postes. Eles purificavam os campos e o gado com as chamas, pedindo proteção e fertilidade e esperavam que Aine e os Sidhe aparecessem para eles, abrindo um portal para o Outro Mundo. As cinzas das fogueiras eram espalhadas depois nos campos para atrair fertilidade. Nas noites de lua cheia, os doentes eram levados para se banharem no Lough Gur; se até o nono dia eles não se curavam, as pessoas sabiam que em breve iriam ouvir o canto das ancestrais *Banshee*, prenunciando-lhes um sono profundo e sem dor, durante qual iam passar para o reino dos Sidhe. Após a sua passagem, havia uma vigília prolongada,



quando os familiares se reuniam entoando os cantos de lamento chamados *keenings*, dádiva das *banshees*.

As mulheres idosas honram ainda Aine no Samhain e Litha e queimam ervas aromáticas para purificar as casas e afastar as doenças. Elas acreditam que foi Aine que impregnou o aroma nas flores e frutos e que seu brilho aquece os corpos e ilumina as almas. Apesar da sua memória ter se perdido na bruma dos tempos, os velhos costumes e tradições guardados no folclore são resgatados por pesquisadores e adeptos atuais das tradições celtas. Cada ano, um número maior de pessoas se reúne no solstício de verão na colina Knockaine, saúda o nascer do sol e homenageia Aine, "A Brilhante" com canções, orações e oferendas de flores, grãos e leite.

A mensagem que Aine traz para as mulheres atuais é acreditar no seu próprio poder, firme e forte, mas envolto na cor diáfana da suavidade amorosa. Ela nutre o corpo e o espírito com calor e luz, sendo protetora da natureza vegetal, animal e humana. Aine confere fertilidade física, mental e espiritual, apoia e incentiva o alcance dos sonhos e ambições com palavras que poderiam ser resumidas nesta frase: "arrisque-se e coloque o desejo do seu coração em ação!". Mesmo quando os planos iniciais não se concretizaram, a mulher deve seguir adiante, com coragem e confiança, sem permitir que opiniões e movimentos alheios impeçam a busca dos seus objetivos. Ficar parada ou lamentar perdas e fracassos não leva a nada e o tempo passa sem perceber, deixando para trás lamentos, remorsos e inação. São as perdas e fracassos do passado que nos ensinam a viver melhor, não se pode julgar uma decisão passada com o discernimento do presente, pois as decisões são tomadas com a consciência do momento. É importante saber qual é a missão que a mulher veio realizar no mundo e se empenhar para cumpri-la, com todas as suas forças. "Confiar, se preparar e agir" é o legado deixado por Aine para as mulheres; após ter refletido, tomado uma decisão e estabelecido um plano de ação, deve ser dado início ao caminho escolhido, com pequenos e cautelosos passos, sem parar, titubear ou recuar. Com a ajuda de Aine, as mulheres podem resgatar, diversificar e expressar o ilimitado potencial da natureza e essência feminina.

Aine pode ser invocada em ritos de amor, fertilidade, na gravidez, magia natural com a ajuda das fadas, abundância, prosperidade, separação dolorosa, para punir traições e ofensas das mulheres por homens, quebras de promessas e exploração da terra. Ela amplia nossa visão e pode facilitar o contato com os mundos sutis; por dominar as artes mágicas, Aine auxilia a potencializar os dons mágicos e extrassensoriais, sendo-lhe atribuído o poder da energia vital, a centelha sagrada que sustenta os seres vivos.

Seus símbolos mágicos são: égua vermelha, lebre, gado, ganso selvagem, cisne, plantações férteis, bastão, sinos, flores, trevo de três folhas, madressilva, angélica, amoras, sabugueiro, linho, alho, artemísia, lavanda, urtiga, hera, visco, azevinho, bétula, freixo, teixo, carvalho, fitas multicoloridas e harpa.



A seguir algumas invocações tradicionais para Aine:

Senhora das Colinas, Filha do mar, Rainha radiante das Fadas,
Linda Aine Brilhante, Aine Chlair, que rege o calor do verão,
Venha a nós, estenda teu manto dourado e nos abençoe.
Deusa que ilumina os caminhos e orienta nossos passos
Traga alegria e harmonia para nossos corações,
Lavaremos nossos rostos com nove raios do sol
Encontraremos a paz envoltas pelo manto dourado de Aine,
Seremos abençoados ao acordar e quando deitar.
Durante o dia e à noite, quando chegarmos e sairmos,
A luz estará na nossa frente, atrás de nós, dentro de nós e fora de nós,
Pois o manto dourado de Aine Cil sempre nos envolverá.
Senhora da Luz, nós te louvamos,
Te reverenciamos e sempre respeitaremos o teu legado!

✻ ✻ ✻

Aine, Grande Deusa da Irlanda
Deusa da Lua, do amor
Encorajadora da paixão no coração dos homens
Invoco o teu poder, vem até mim
Rainha das Fadas de Munster
Tu que governas a agricultura, a fertilidade, as colheitas e os animais
Sol dourado que se transforma em Lair Derg,
A égua vermelha que ninguém pode domar,
Me ensina teus mistérios, compartilha comigo tua sabedoria
Tu que és a Mãe, mostrando tua face curadora nos lagos e fontes
Tu que és a Anciã, Leannan Sidhe, que aparece aos mortais com tua grande beleza
Para levá-los ao Outro Mundo.

✻ ✻ ✻

Eu te invoco Aine, Grande Mãe
Toque a cabeça dos meus filhos para crescerem forte
Deixe teu pó dourado cobrir meus lábios
Para atrair os beijos do meu amado
Pare a mão daqueles que cortam as árvores,
Ajude-os a descobrir como tornar a terra verde
Fortalece a mão de quem planta sementes
Nos campos e terras áridas.
Ajuda as flores a se transformarem em frutos
Que sejam degustados por todos com gratidão por Ti
Faça ouvir teu canto suave até os cantos remotos da Terra
Nutra as águas da minha alma
Toque-me com Tua sabedoria
Ao despertar em cada dia
Para que a luz do teu brilho
Desperte a minha luz interior
Abençoada sejas
Aine Deusa dourada!

✻ ✻ ✻

Próximos Rituais

Plenilúnio Celebração de Maria Madalena
22 de julho de 2013 às 20h

Usar saia ou vestido na cor vermelha e adereços no cabelo.

Lista de material:
* 1 rosa ou flor vermelha
* 1 vela vermelha ou branca dentro de um copo
* seu perfume preferido

Somente para mulheres

Celebração de Lammas: A Colheita
1º de agosto às 20h

Aberta também para os homens

Os rituais da Teia de Thea acontecem na UNIPAZ Brasília DF .: Energia de troca: R\$ 15,00

Muco? Bota pra derreter

Julho já vai chegar, o tempo esquenta e esfria e milhões de pessoas estão encatararradas, com tosse seca ou trovejante, e ainda por cima com medo da tão marquetizada gripe da vez. Que pode não ser uma ameaça real, mas a vulnerabilidade de quem está com as vias respiratórias cheias de muco é realíssima.

A primeira providência é suspender leite e todos os derivados, que são os maiores formadores de catarro. Aproveitando, reduzir drasticamente farinhas e produtos feitos com ela, que também agem como cola dentro do corpo. E jogar fora o açucareiro - junto com todo o açúcar da despensa - porque é ele que, regendo o coro dos laticínios e da farinha, alimenta todo tipo de compulsão.

Claro que, se há compulsão, há vermes. Quantas horas de análise poderiam ser substituídas por um simples vermífugo! Lombrigas aumentam muito o muco. Se houver unhas roídas, bruxismo e babinha à noite, então, isso fica evidente.

Mas o muco deve ser pensado como uma vela de cera que precisa esquentar para derreter; só aí poderá ser eliminado, seja pela tosse, seja pelos intestinos. Aqui vai uma de muitas receitas do meu livrinho Atchiiim!, que se dedica de forma gulosa ao assunto.

Chá antimuco:

- . 1 colher (chá) de sementes de feno-grego (*Trigonella foenograecum*)
- . 1 colher (chá) de sementes de funcho (*Foeniculum vulgare*)
- . 1 colher (chá) de sementes de linhaça (*Linum usitatissimum*)
- . 1 colher (chá) de raiz de alcaçuz (*Glycyrrhiza glabra*)
- . 1 colher (sopa) de folhas de urtiga (*Urtica urens*) ou tanchagem (*Plantago major*)
- . 500 ml água

Ferver durante 15 minutos o funcho, a linhaça, o feno-grego e o alcaçuz; apagar o fogo, colocar as folhas de urtiga ou tanchagem e abafar.

Este chá aquece o corpo e dissolve o muco. Tomar meia xícara 2 a 4 vezes ao dia, de estômago vazio, 10 minutos antes de comer. Para quem produz muco em excesso: tomar durante quatro semanas, no outono, nas mesmas doses acima, substitui o muco patológico ao longo das mucosas por um muco benéfico, renovando todo o trato gastrointestinal. Para condições crônicas de muco o chá é usado por períodos de tempo mais longos. Também é uma mistura muito nutritiva durante os jejuns.

Inconveniente: pode aumentar os calores à noite. Mas nada é perfeito.

* Do livro Atchiiim! de Sonia Hirsch

Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cris Madeira e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles
Imagens da rede mundial de computadores
Informações: www.teiadethea.org
Nane (61) 9677.9453 .: Andrea (61) 3408.4065
deusaviva@teiadethea.org



Ervas Sagradas

As ervas mágicas, medicinais e sagradas nos acompanham há milênios. Todas temos ancestrais que sabiam usá-las a favor do nosso bem estar e saúde. Há pouquíssimo tempo dependemos de remédios sintetizados para isso. Aliás, a maior parte dos remédios que encontramos nas farmácias são feitos a partir dos princípios ativos que evoluíram na relação entre as plantas e animais. Mesmo quando sintetizados, praticamente todos os medicamentos foram descobertos na natureza para depois terem seus segredos químicos revelados e imitados sinteticamente pelo ser humano.

No cultivo ancestral dessas plantas, agricultores e agricultoras, povos tradicionais e indígenas de todo o planeta selecionaram e cruzaram intencionalmente espécies e variedades para que atendessem aos interesses humanos. A grande diversidade de plantas medicinais é fruto do trabalho da natureza em conjunto com o trabalho de seres humanos. Devemos reconhecer e honrar esse trabalho feito com zelo e humildade por tantas gerações e que permitiu que tantas plantas incríveis chegassem até nós.

Nas últimas década vimos assistindo o avanço brutal e enaltecimento do modo urbano de vida e a expulsão das pessoas que vivem no campo. O avanço do agronegócio e da sociedade moderna tem sido implacável com as pequenas comunidades rurais, tradicionais e indígenas. Com o esvaziamento do campo, perde-se toda uma cultura ligada à Terra e junto com ela, o conhecimento sobre as plantas, seus usos e modos de cultivo. Muitas espécies de plantas poderosas estão desaparecendo, consideradas plantas daninhas e indesejadas pelo agronegócio, mas preciosas para a cura de doenças, como alimento para a fauna local entre muitas outras funções que lhes cabem nos sistemas complexos da natureza.

Cabe a nós, mulheres conectadas com o Sagrado Feminino, manter viva a chama desse conhecimento, resgatar o saber ancestral, manter e recuperar um modo de vida mais próximo e íntimo da natureza. É uma ilusão acharmos que poderemos viver sem as plantas, sem os rios, sem os animais, sem a imensa diversidade cultural que está aos poucos se perdendo. Cada uma de nós, em seu lugar, fazendo o que faz,

pode contribuir para isso. Valorizar e honrar as pessoas que vivem no campo, rejeitar a alimentação industrializada oriunda do agronegócio, adquirir nosso alimento nas feiras diretamente das mãos dos agricultores e agricultoras são algumas das formas pelas quais podemos fazer isso. E também plantarmos e entrarmos em contato com o mundo das plantas, aprendermos juntas e trocarmos nossos saberes, relembrarmos receitas antigas que havíamos esquecido. Plantas mágicas e curadoras atravessaram oceanos e hoje temos ainda à nossa disposição um arsenal enorme de possibilidades para sermos autônomas no cuidado da nossa saúde e da saúde daqueles que amamos. Não podemos deixar que esse conhecimento e essa capacidade sejam tirados de nós.

No dia 30 de junho, eu e nossa querida Andréa Boni realizaremos uma oficina cujo objetivo será o de nos conectarmos cada vez mais e profundamente com a sabedoria e o poder das plantas. Entraremos nesse mundo mágico que pode nos contar tantas histórias, que pode nos acalmar, perfumar, curar e trazer beleza às nossas vidas. Visitaremos nossa ancestralidade em busca do conhecimento sagrado e antigo que ainda pulsa em nosso DNA. Também colocaremos as mãos na Terra, a semente e a muda no chão, porque somente com a prática verdadeira de cuidado real é que poderemos realizar a grande transformação necessária neste momento que é tanto de crise quanto de oportunidade.

Faça sua inscrição e venha passar um dia inesquecível conosco!

Oficina
Ervas do Feminino

30 de Junho de 2013
(8-18h)

O mundo das Plantas nos reserva surpresas infinitas em aromas, sabores, curas e magia.

Nessa oficina, revitalizaremos uma espiral de ervas, plantaremos, dançaremos, e partilharemos nossos saberes sobre os usos das ervas que podemos facilmente cultivar nos nossos quintais, jardins e floreiras.

Focalização:
Helena Maltez e Andréa Boni
Local: Cond. Solar da Serra
Investimento: R\$ 100,00
(a renda será doada para a construção da Alcateia)
Informações e Inscrições:
helena@mutiraoopfloral.org.br
ou 8127-7269

Apelo:

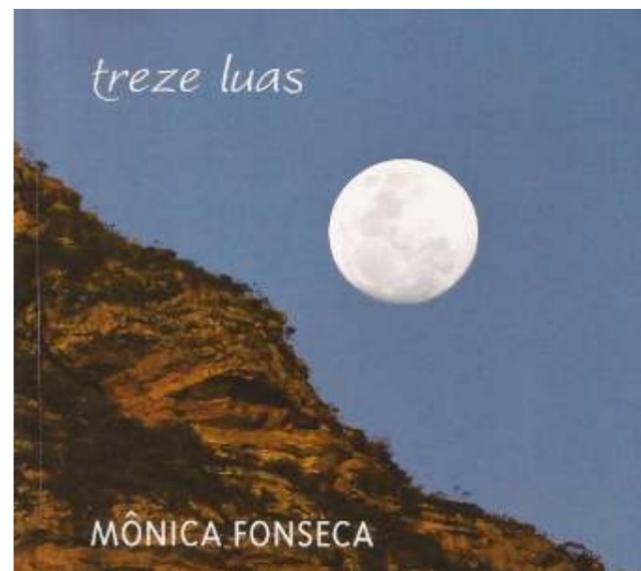
Foto amorosamente cedida por Mônica Fonseca

As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Pequena História de Luz", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Sexta Lunação: Mãe Guardiã das histórias que curam. A Contadora de Histórias.

Pequena História de Luz

Era uma vez,
Num tempo muito distante
Um caminhante, que tanto se confundia,
Tanto se limitava, que mal andava.
Seus caminhos tortos o aprisionavam.
Em sua estrada, encontrou um dia
Um amigo vagalume que feliz brilhava,
Com tanta leveza aquela luz o alegrava.
Os dois caminhavam juntos
Conversavam por toda noite
E de dia descansavam.
O caminhante aprendeu a parar
E se banhar no rio.
Aprendeu a rir do que lhe assustava,
Aprendeu a ver estrelas.
Mesmo em noites nubladas
O novo amigo lhe ensinou
Que os caminhos podem todos ser trilhados
Nada está certo ou errado.
É preciso brilhar a sua luz,
Apagando as ilusões.
Essa foi a história que me contaram,
Do caminhante de todos os caminhos
Que seguindo o vagalume
Caminhou feliz por toda a estrada.



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte o "Anuário da Grande Mãe" de Mirella Faur.
**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Maria,

Em dias de céu claro, com nuvens brincantes no céu, a leveza ganha ares de protagonista. E outono, o balé das folhas é corriqueiro, a brisa fria se insinua pelas frestas, num cenário que traz lições de delicadeza e confiança.

Que haja espaço em sua vida para experimentar ainda mais intensamente a ousadia de ser livre, suave e delicada, de forma consciente e consequente. Essa não é senão uma das milhares de maneiras de praticar a doce magia de existir.

Acrescente a transparência do cristal em suas atitudes, nas suas relações. Que suas palavras sejam doces como o mel, mesmo naqueles momentos quando o sal da sabedoria traz o rigor e o limite. Não se deixe capturar pela secura do ar, tornando-se você também árida ríspida. Sempre haverá espaço para a delicadeza e a beleza, as flores do cerrado ensinam muito bem essa arte.

Sobretudo, filha, que seu coração se alegre sem a necessidade de um motivo específico. Seja feliz porque sim! E compartilhe essa felicidade como as flores o fazem com o pólen, generosamente. E cultive a gratidão pela existência de montanhas e planícies, da noite e do dia, pois que cada aspecto de seu mundo tem sua razão de ser.

Assim você estará cumprindo sua função de florir, expressando cada vez mais a vocação de harmonia que acompanha você desde sempre.

Em luz e beleza,

Aquele que é.

